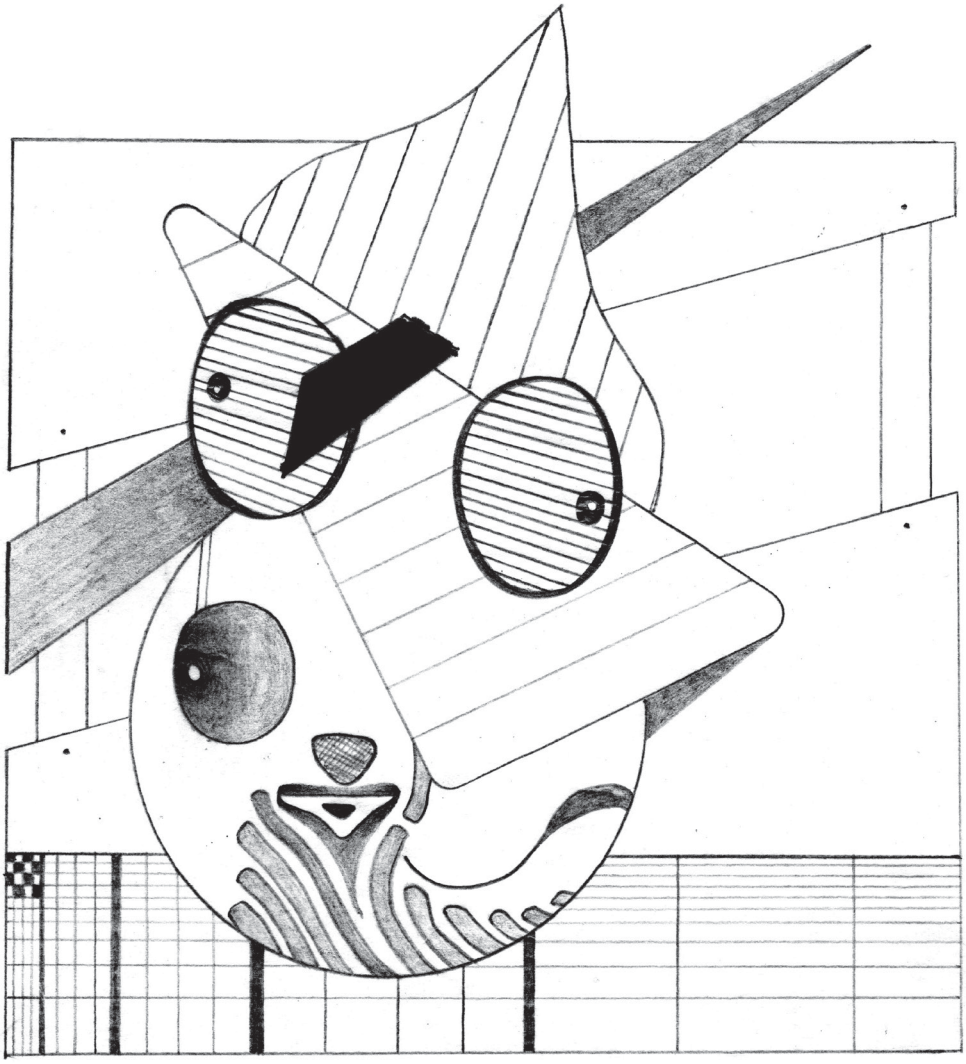
Guy Monteiro

166 POEMAS PARA COMEÇAR

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

miolo-166poemas.indd 3 8/17/2020 1:49:34

PARA NÃO ESQUECER



miolo-166poemas.indd 14 8/17/2020 1:49:37

1. A PELE INFLAMADA DO BRASIL

Preciso livrar-me das rimas fáceis,
pobres, piegas, estáveis,
mas veja como não consigo...
Sinto a pele doer em toda extensão,
na extensão do problema, a pele inflamada,
a flor da pele me antena com o mundo doído
e perde suas pétalas
no caminho das pedras que sangram os pés.
Como resolver tudo, ser o herói, o cowboy tropical
das grandes extensões de problemas,
térreos, terrestres, terráqueos, terríveis,
problemas de uma pele vulnerável às coisas do mundo doido.
A pele, sim, cobre muita coisa, cobre simbólica a armadura,
o medo, a emoção, a razão, o sangue, tudo escondido,
à flor da pele o mundo doído.
Isso tem remédio, mas não se pode pegar em armas
nessas circunstâncias, nem apontá-las contra a própria cabeça.
Isso tem solução, sim, a pele parar de inflamar,
arder em chagas, arder em versos libertos, a solução.
A pele dói como a consciência do inútil,
percorre as ruas, sentindo, abrasando-se,
suandosecando-se, molhando-se nas lágrimas do outro,
o outro sofre, nada resolve, só se fode,
escravo, sem o destino do iluminado,
imerso nas trevas dos corações selvagens,
imerso na exploração da corte, sempre a corte,
a cortejar o corrupto, aos amigos as capitanias hereditárias de hoje,
aos inimigos o tronco, a herança do vil, da trapaça,
da falta de caráter tropical, quando tropical,
o Brasil é um país atrasado, muito atrasado,
muito lesado, apaixonadamente besta,
o fanfarrão do berço destroçado,

miolo-166poemas.indd 16 8/17/2020 1:49:38

onde há a terra devastada cuida-se melhor dos berços.
A pele dói, inflamado órgão de repressão contra si mesmo,
exposto à flatulência do gado escravo, pior que dar a carne.
Dar a carne para bater, aí a solução das bundas tropicais
e dos paus colonizadores, a solução do tronco,
a solução do genocídio, a solução bandeirante,
itinerante enquanto os sóis da liberdade
queimam o que resta de ilusão.
Vamos arrancar a pele dos desgraçados
antes que seja tarde demais,
antes que parda a pele sofredora, trancafiada,
morta nas ruas por nadica de nada, a rua escrava,
a casa escrava, o trabalho escravo, o descanso escravo,
a merda do dinheiro escravo, é a pele que mais sofre
no sangue das cicatrizes abertas.
Vão perguntar ao poeta o que ele quer dizer
e ele só poderá responder contra as soluções fáceis,
palavras ao vento já foram cantadas, contadas, contabilizadas,
para nada, e os desgraçados a rir na nossa cara pintada de medo.
O que precisamos fazer?
O que precisamos morrer?
Do que precisamos, precisamente?
A pele inflamada, doença rara, não há lugar no mundo,
eu não posso fazer muita coisa, é muita gente contra,
muita gente conta.
Esse negócio de democracia é uma merda
no país das peles hereditárias, brancas,
que nos deixam passar em brancas nuvens.
Vamos ao crime desorganizado, ao caos dos heróis anônimos,
patriotas, armados de boa fé,
cada um do bem leva um do mal
e depois esquece,
para cuidar da rara pele inflamada.

miolo-166poemas.indd 17 8/17/2020 1:49:38

2. A QUE VIM

Poesia é pré-siso.
Diria mais, pró-siso, pra cima,
por cima de tudo,
praticismo filosófico, metafísico,
mete o físico no meio
que vira poesia.
Pré-cisma, preciosismo,
protecionismo do espírito,
precisão da alma, pró-sanidade
dos corações e mentes.
Preciso disso, navegar nas nuvens do lírico,
beber no tombadilho,
botar pra fora quilos
no grande azul dos negros mares,
Narciso que não se enxerga,
pau mandado das Deusas,
que verga sob as tempestades
e colhe a bonança do verso livre,
a liberdade.
Poesia, preciso de ti,
feito bengala de cego que quer ver,
para o siso, para o tísico poeta dentro de mim,
paroxismo do bem.
Pró-heresia, poesia de mente,
pré-cínica, praticamente fria,
ajuíza, afinal, toma partido e...
Babau! Já era! A besta fera da palavra
enterra seu punhal na garganta
dos desavisados bons
que herdarão o Reino do Caos.
Ponho azia no verso ardente
que rasga as entranhas sem a devida digestão,

miolo-166poemas.indd 18 8/17/2020 1:49:38

“poesia não, por favor, poesia não”.
Então lá vou, tô novo, espadachim
das temidas consciências,
essa massa pré-sísmica dos bons e maus ares,
a estocar cadáveres que cismam cegos
diante da puta da poesia, belíssima nua,
que os remete a seus devidos lugares
de mortos vivos, aplaudidos pela ignara gente oca,
na grave proporção do um para um milhão
a salvo da massa pisoteadora,
preciso te adorar agora...

miolo-166poemas.indd 19 8/17/2020 1:49:38

3. A VERDADE

João Cabral, descobridor da dura poesia brasileira,
mela a pura dor em peso neto –
e que peso aflito...
Mela a verdade de suor a frio,
enquanto outros a melam de maçã do amor.
A verdade, pueril em rubor,
se adensa, avança
por buracos nunca dantes penetrados
e preenche.
Já eu, confesso que bebi, imito os dedos,
a mão, a pena, o silêncio da mesa,
o que pode ser imitado,
nunca a verdade de cada um.
A verdade, João, não.
Haver dado, João, sim.
Os dedos do deus, as mãos, a pena,
à mesa morrem, a doença nasce,
a verdade acorre à cantilena do peso diário,
arrastado, arado da terra
de onde tiramos o alimento da alma.
Dura a verdade até quando?
Dura verdade arrastando grilhões,
catequiza e dizima,
adula em cima das horas
e sangra tubulações de sangue humano
para o esgoto das emoções.
Há razão para educações e planos,
para julgamentos duros de pedra,
a razão engendra e medra.
A verdade doida sente mas faz sentir,
doída criança que mente por mentir,
criança mente, só para machucar,

miolo-166poemas.indd 20 8/17/2020 1:49:38

não sabe das profundezas, nem de profundidades.
Quando a faca da verdade vai fundo,
mata para renascer e, num porto seguro,
fundear as naus dos limites.
Negrar a verdade com mentiras brandas
é pisar pontiagudas opiniões,
embate desnecessário às pedras do caminho.
Além de João, há joãos comuns a todos,
quânticos da emoção, da razão poeta doce,
mas da verdade os reis de araque
tremem na base e fazem xixi nas calças
para vergonha dos bons sentimentos
de uma vida sem poesia.

miolo-166poemas.indd 21 8/17/2020 1:49:38

Livros iluminam

Este livro foi composto em Electra LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em julho de 2020.